

DOCOMOMO Ibérico

Fundación Docomomo Ibérico
documentación y conservación
de la arquitectura y del urbanismo del
movimiento moderno

Fundação Docomomo Ibérico
documentação e conservação
da arquitetura e do urbanismo do
movimento moderno



**El fundamento social de la arquitectura;
de lo vernáculo y lo moderno, una
síntesis cargada de oportunidades**

**O fundamento social da arquitetura;
do vernáculo e do moderno, uma
síntese cheia de oportunidades**

X Congreso Docomomo Ibérico, Badajoz, 18-20 de abril de 2018

X Congresso Docomomo Ibérico, Badajoz, 18-20 de abril de 2018

Actas del X Congreso DOCOMOMO Ibérico

Actas do X Congresso DOCOMOMO Ibérico

**El fundamento social de la arquitectura;
de lo vernáculo y lo moderno, una
síntesis cargada de oportunidades**

**O fundamento social da arquitetura;
do vernáculo e do moderno, uma
síntese cheia de oportunidades**



A casa das Azenhas do Mar, vernácula e erudita: experimentação moderna na obra de Raul Lino

Carla Garrido de Oliveira

Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto

Resumo: A casa das Azenhas do Mar —1920, Raul Lino (1879-1974)— poderá ser entendida como síntese arquitectónica reflexo da moderna discussão europeia em torno das *casas pequenas*, ou *económicas*, em curso entre finais do século XIX e início do XX —e potenciada nas décadas seguintes.

Formado entre Londres e Hannover, com visitas regulares a Berlim, Raul Lino toma contacto com as experiências modernas no âmbito da habitação então em curso na Europa; e, apesar da sua actividade se ter desenrolado predominantemente no âmbito da casa burguesa, por força da condição dos seus clientes, a sua investigação reflecte a problemática dos assentamentos e habitação para as classes trabalhadoras.

Propomos a leitura desta casa como obra vernácula, tanto quanto erudita. Inserindo-se no primeiro período de discussão de uma identidade-expressão portuguesa na arquitectura, principiada na viragem do século, esta obra procura nas formas populares a possibilidade da mais genuína expressão de um saber-construir «local», constituindo simultaneamente um ensaio moderno de *casa económica*, a par das experiências pioneiras das *Siedlungen* alemãs do pré e pós primeira guerra —destacando-se a acção *reformadora* de Hermann Muthesius, cuja obra Raul Lino considerava.

O projecto remete para a morfologia, construção e expressão arquitectónica das formas populares, mais exactamente da casa da região saloia, a Noroeste de Lisboa. Se esta perspectiva estabelece o problema do vernáculo, a obra transporta igualmente a erudição moderna da formação deste arquitecto; obra singular, incluindo a sua vivência no contexto familiar de Raul Lino, proprietário da casa, detém um sentido de obra experimental. A sua excepcionalidade é inclusive mais devedora da grandeza e arrebataamento da paisagem do que da singularidade e anonimato do edifício, remetido à sua rusticidade.

«A consideração do contexto, entre local e global, o fundamento social da arquitectura, e a síntese entre o vernáculo e o moderno» das décadas de 1950 e seguintes são assim, afinal, o retomar da própria génese do «primeiro moderno» do início do século.

Constituindo uma pequena casa de vilegiatura e terapêutica, a terceira casa própria de Raul Lino (1879-1974), do início da década de 1920, nas Azenhas do Mar a noroeste da Serra de Sintra, permite-lhe reflectir sobre o *problema das mais simples casas económicas* (Lino, 1918: 13). Localizada «junto à orla de altas ribas, não longe do Cabo da Roca [...], feita para resistir aos grandes vendas

vais», numa planta muito resumida e interior da máxima rusticidade (Lino, 1933, estampa XVIII)¹, Raul Lino toma por mote as populares e vernáculas casas saloias das proximidades —tanto na forma como na construção. Simultaneamente articula referências à proposta moderna de Hermann Muthesius (1861-1927), de uma reforma e concepção integradas da corrente casa de habitar e do desenho urbano, em curso na Alemanha do pré e pós Primeira Guerra.

Propomos assim a leitura desta casa como obra vernácula, tanto quanto erudita. Inserindo-se no primeiro período de discussão de uma identidade-expressão portuguesa na arquitectura, principiada na viragem do século, esta obra procura nas formas populares a possibilidade da mais genuína expressão de um saber-construir local, constituindo simultaneamente um ensaio moderno de *casa económica*.

Obtendo em janeiro de 1921 «[a]utorização para construir em terreno seu uma pequena casa»², esta será tanto *casa de ir a banhos*³, como *cabana para pensar, cubículo ou refúgio mínimo, lugar para a reflexão* (Vila-Matas, 2011)⁴ calcorreando a planura saloia entre a serra e o mar⁵.

Apresentando o projecto-obra de Raul Lino e percorrendo em simultâneo referências à *casa rural dos arredores de Lisboa*, a casa *Branca*, como também é designada, além de igualmente se localizar «a norte do concelho de Sintra» onde surgem as maiores concentrações de casas saloias (Vieira Caldas, 1999: 101), apresenta uma composição em «somatório de volumes independentes, impressão que é acentuada quando um [...] alpendre, uma década depois] se vem encostar aos poliedros existentes» (*ibid.*: 106). É possível considerar ainda uma conjugação de dois dos três tipos que João Vieira Caldas sistematiza: «a casa rectangular de dois pisos [...] e] a chamada casa torreada, constituída por um corpo de aparência cúbica [...] ao qual encosta um corpo térreo, [...] coberto por telhado» (*ibid.*: 105). Como na casa saloia, a das Azenhas apresenta «duas entradas independentes, uma para a sala, outra para a cozinha, compartimentos que, por sua vez, também comunicam entre si interiormente; [...] as diminutas escadas de um só tramo» (*ibid.*: 105-106) ligam internamente os dois pisos, conduzindo aos dois quartos.

O «gaivel dos cunhais [com] 10 cm na base»⁶ força a perspectiva e o torreado do volume central; a linha de beiral evoca a «curvatura característica» (*ibid.*: 101) da casa saloia, denunciando contudo uma hesitação nas Azenhas, entre projecto e obra, no que respeita ao sistema construtivo da cobertura. Prevendo uma abóbada de ogiva em tijolo, com arranque em alvenaria de pedra em continuidade com as paredes laterais e atirantada, o delineamento exterior apresentar-se-ia mais contracurvado que tendido⁷. Contudo, apenas a cobertura do anexo norte apresenta abobadamento, acabando a cobertura do corpo principal por apresentar *solução saloia*, convicção certamente amadurecida em obra, em favor de uma elementariedade e simplificação construtivas: «barrotes à vista sob as tábuas do chão do piso superior, cuida[ndo] especialmente os tectos do primeiro andar. As masseiras» (Vieira Caldas, 1999: 110), em secção de três panos, inserem-se no princípio geral da

¹ Ver figuras.

² Ver figuras.

³ Sobretudo helioterápicos, segundo Diogo Lino Pimentel, neto de RL; entrevista à autora, 2011.

⁴ Para Raul Lino a sua referência filosófica recaía em Henry D. Thoreau (1817-1862), nomeadamente *Walden, or Life in the Woods*, 1854.

⁵ Nas faldas da Serra de Sintra, em bons e frescos ares, localizava-se já a casa do Cipreste, projecto de Raul Lino (1907-1912).

⁶ Ver figuras.

⁷ Vieira Caldas, na filiação islâmico-mocárabe-mudéjar da arquitectura portuguesa meridional, considera que «a relação métrica com edificações tumulares muçulmanas e com a própria caaba também não é de desprezar» (Vieira, 1999: 106). Aponta ainda uma filiação erudita para a ocorrência de abobadamento em arquitecturas domésticas vernáculas do Mediterrâneo setentrional, a partir das formas e técnicas empregues em conventos, casas nobres ou cisternas. João Vieira Caldas, Mafalda Baptista Pacheco, comunicação «Onde estão as fronteiras?», Congresso Internacional Arquitectura Popular, Arcos de Valdevez, 3 Abr. 2013.

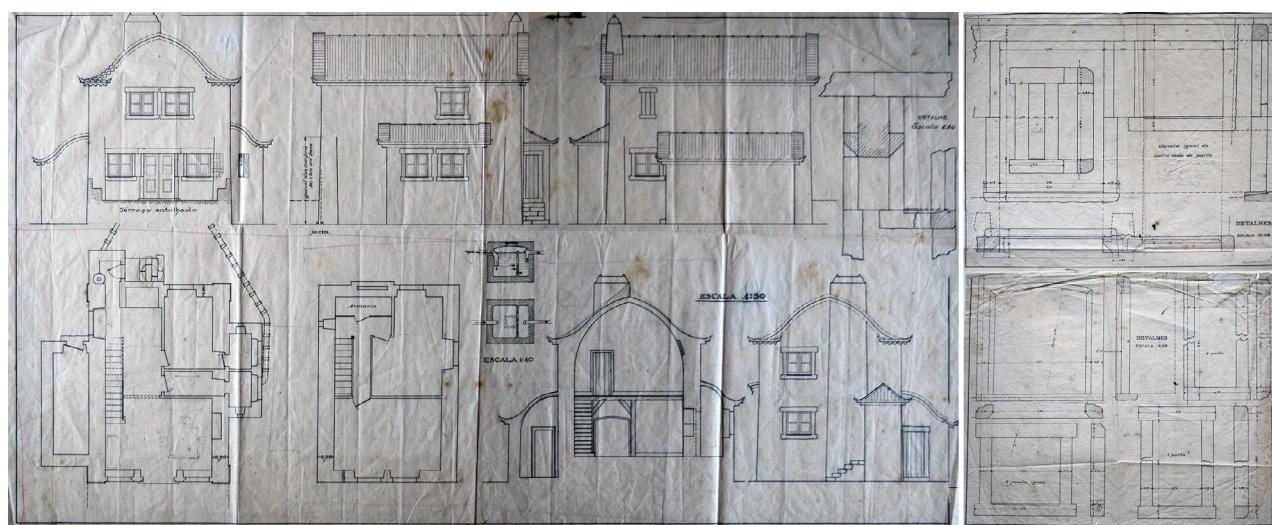


Figura 1. Casa das Azenhas do Mar, projecto 1920-1921. Na planta térrea, à esquerda, esboço do forno a lápis; nas duas folhas de detalhes, é possível ler *uma porta e 2 janelas, 8 janelas iguais, 3 frestas, Chaminé, 1 porta* —em duplicado, correspondendo às duas portas secundárias. Fonte: Arquivo privado família Raul Lino [ApfRL], Câmara Municipal de Sintra, processo n.º 11/1921.

cobertura, em duas águas, com a empêna triangular nas frentes menores em linhas severas mas quebradas —afastando-se de uma matriz celular, mais próxima de uma influência islâmico-mediterrânea, que as quatro águas da casa saloia reforçam.

É ainda relevante assinalar outras duas alterações: o forno e o alpendre. O primeiro terá correspondido a uma decisão em obra, saliência ovóide esboçada a lápis no projecto, revelando esta hesitação a procura erudita de Raul Lino por uma condição vernácula, precisamente nas mútuas influências que ao longo da história sempre se estabeleceram entre arquitecturas populares e eruditas. As casas rurais dos arredores de Lisboa, nomeadamente as «médias e grandes casas setecentistas [...]», ao contrário das casas «populares», não expõem tão nitidamente o recorte do forno [...] chegando mesmo a desaparecer completamente enquanto excrescência» (*idem*); nas Azenhas, Raul Lino faz assim prevalecer um sentido de obra corrente. Relativamente ao alpendre, volume *oco* acrescentado mais tarde, diferencia-se daqueles dos arredores de Lisboa, em que «aparece só em habitações com manifesta pretensão social» (*ibid.*: 111); aqui, mais que estrita função de entrada, até porque acedido apenas pelo exterior, sobretudo acolhe quem chega e permanece na paisagem.

Como na casa saloia, observa-se «pedra aparelhada à vista no guarneçimento dos [pequenos e rareados] vãos [..., bem como nos bancos] encostados às paredes exteriores» (*ibid.*: 109, 105, 106, 109); nas Azenhas são particularmente expressivos os degraus da porta, oferecendo sentar no umbral. Tal como o talhe dos vãos da casa saloia incorporou um sentido de economia de meios, resultante do contacto ao longo do século XVIII com a sistematização na produção de cantarias na arquitectura erudita (*ibid.*: 109), também agora se colocava o problema de uma produção seriada, e em particular na construção de «casas baratas» (Lino, 1918: 9). O sentido de economia e anonimato é constatável no sucinto mas completo *projeto de execução* em duas folhas, detalhando todos os vãos em cantaria⁸. Por fim, a caiação e as faixas coloridas delineando cunhais e socos: a ocre no projecto, a verde-água na obra, remetendo a expressividade do laranja para caixilhos e taipais⁹.

⁸ Ver figuras.

⁹ A dominância de azuis e ocres e a possível existência de portadas são observadas por Vieira Caldas (1999: 105, 107). Ver figuras.

A filiação da casa das Azenhas do Mar nas «formas, acabamentos, medidas e proporções constantes» (*ibid.*: 101) da casa saloia, na formulação de relações internas essenciais a um espaço de habitar moderno, bem como numa certa elementaridade construtiva e economia de pormenorização passível de repetição, demonstra a experimentação metodológica de Raul Lino, procurando equacionar a operatividade moderna da arquitectura popular na problemática da habitação para as classes trabalhadoras.

Declarando «a admiração que naquela época sentiu[...] pela acção reformadora de artistas como Muthesius» (Lino, 1942: 5), Raul Lino confirma a influência da obra do arquitecto alemão, nomeadamente na passagem entre a burguesa *casa de campo com jardim* e *as pequenas casas em pequenos assentamentos*, e que, nos seus diferentes percursos, ambos exploraram, tanto directamente a partir da tradição da casa inglesa como na sequência e em paralelo à experimentação dos *modernos pioneiros ingleses* na viragem de século.

A posição do sol devia ser o primeiro de todos os factores [...]. A natureza desta nova casa —rural ou suburbana— corresponde muito mais a que os espaços de habitar e o jardim se associem; o jardim é uma parte integrante da casa de campo (Muthesius, 1907: XXII). Esta é parte da formulação de Muthesius de uma concepção integrada de casa-jardim, próxima do que poderíamos designar como uma *teoria solar*, de sol e de solo, e que, primeiramente explorada na encomenda burguesa, transita a partir do final da primeira década para as experiências de desenho urbano de *Siedlungen*, contributo alemão na passagem da ideia inglesa de cidade-jardim para a mais adaptável de subúrbio-jardim. Muthesius sistematiza ainda uma série de princípios e dispositivos, entre os quais se destacam a sugestão de uma cobertura dominante; o recurso a alpendres, terraços e varandas na mediação interior-exterior; e a consideração de condições climáticas específicas, factor de permanência local no designio transversal do projecto moderno.

Também Raul Lino explora esta relação entre casa e jardim desde os seus primeiros projectos, apurando-a tanto na sua casa do Cipreste —casa de campo burguesa, *solar* da família—, como escrevendo sobre este princípio em *A Nossa Casa*, 1918, bem como agora em 1920, no projecto da pequena casa nas Azenhas. Aqui, toda a relação com o arrebatamento da paisagem explora mediações diversas, formando um complexo de dispositivos de habitar: a porta e os degraus que dela se projectam oferecem espaço de estar; o muro baixo de delimitação da parcela oferece também lugar, numa estreita faixa que, além de acesso e controlando o desenvolvimento das arribas, é terraço ou balcão abrindo sobre a paisagem; a sul, em relação com o alpendre, uma clareira de zimbro conforma uma *casa de estar* natural, coberta ora por panos tendidos ora por vegetação; a nascente, o pátio traseiro, de serviço.

É certo que a passagem de Raul Lino da unidade casa-jardim ao conjunto urbano não é —ainda hoje— clara, sendo mais tardia e já preconizando a acção de bairros económicos do Estado Novo. Contudo, e numa abordagem mais especulativa, colocando em paralelo a casa das Azenhas e as unidades de algumas das *Kleinsiedlungen* propostas por Muthesius, é possível entrever a adaptabilidade do projecto de Raul Lino aos princípios de associação e composição de conjuntos nos *pequenos assentamentos* alemães. Muthesius, a par de outros contemporâneos como Richard Riemerschmid, elaboraram a agregação das unidades individuais constituindo, mais do que por simples repetição, um conjunto que incorpora simultaneamente princípios de tipificação e de variação, possibilitando a reconhecibilidade individual no âmbito de uma comunidade —um projecto urbano tanto quanto social e em diversos níveis.

«Convém esclarecer, o que são formas fortes na arquitectura: são todas aquelas que exprimem de maneira mais evidente a sua função nas edificações» (Lino, 1918: 22). A clareza desta ideia colhera-a Raul Lino tanto [i] nas suas leituras de John Ruskin, na problematização do carácter das formas e do ornamento entre paisagem-região e habitante; como [ii] na evolução das ideias de

Muthesius quanto ao entendimento do ofício do arquitecto, da relação com o cliente, de uma teoria solar de implantação, dos valores da *Forma*, do anonimato e da individualidade¹⁰; como ainda, por fim e afinal, [iii] na *naturalidade* vernácula com que estes problemas sempre operaram e eram resolvidos nas arquitecturas populares.

A consideração do contexto, entre local e global, o fundamento social da arquitectura, e a síntese entre o vernáculo e o moderno das décadas de 1950 e seguintes são assim, afinal, o retomar dos designios modernos dos inícios do século xx.

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 - Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007744.

Agradecimentos a Diogo Lino Pimentel, Martinho Pimentel e Bernardo Pimentel; a João Vieira Caldas; a Paulo Alves Pereira [PAP]; todas as fotografias da autoria de CGO-PAP-2011.



Figura 2. Experimentação construtiva: simplificação, sistematização. Fonte: ApfRL, CGO-PAP-2011.

¹⁰ Muthesius, «em algum momento entre 1907 e 1909 parece ter mudado de ideia e passou a defender que o artista não devia buscar a originalidade, [...] argumentando] que existia um parentesco entre a estabilidade e o anonimato de cariz normativo das tradições clássicas e vernáculas, por um lado, e o carácter repetitivo, a regularidade e a simplicidade das formas mecanizadas, por outro. As formas mecanizadas eram o eixo moderno e histórico de uma lei universal. Ainda que esta ideia não exclusisse o artista, exigia-se que a sua personalidade estivesse controlada.» (Colquhoun, 2005: 60-61), Sainz (trad.), *Arquitectura moderna: una história desapasionada*, 2005 [2002.]: 60-61.



Figura 3. Formas fortes –resistência, elementaridade de planta, interior da máxima rusticidade. Fonte: CGO-PAP-2011.

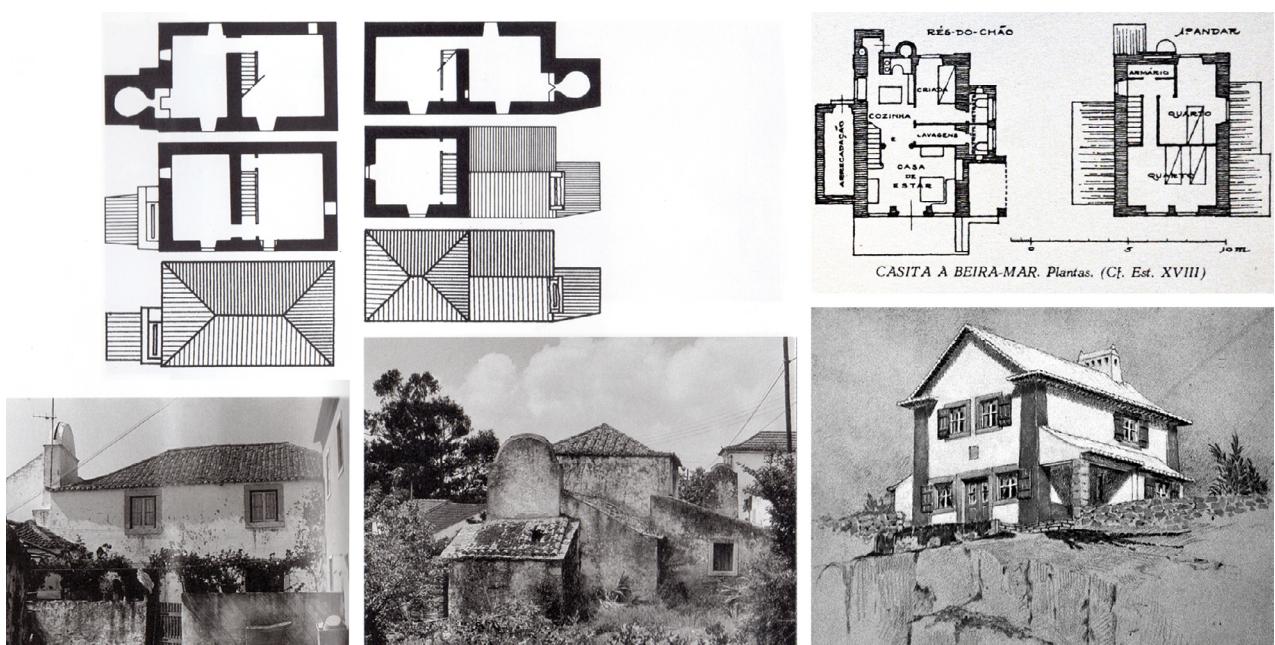


Figura 4. Casas na região saloia: «formas, acabamentos, medidas e proporções constantes». «Casita à beira-mar. Situação isolada num ponto da costa, junto à orla de altas arribas, não longe do Cabo da Roca. Construção feita para resistir aos grandes vendavais. Planta muito resumida. Interior da máxima rusticidade». Fontes: Vieira Caldas, z1999: 180, 171 (esquerda e centro); Lino, *Casas Portuguesas*, 1933: estampas XVII e XVIII (direita).

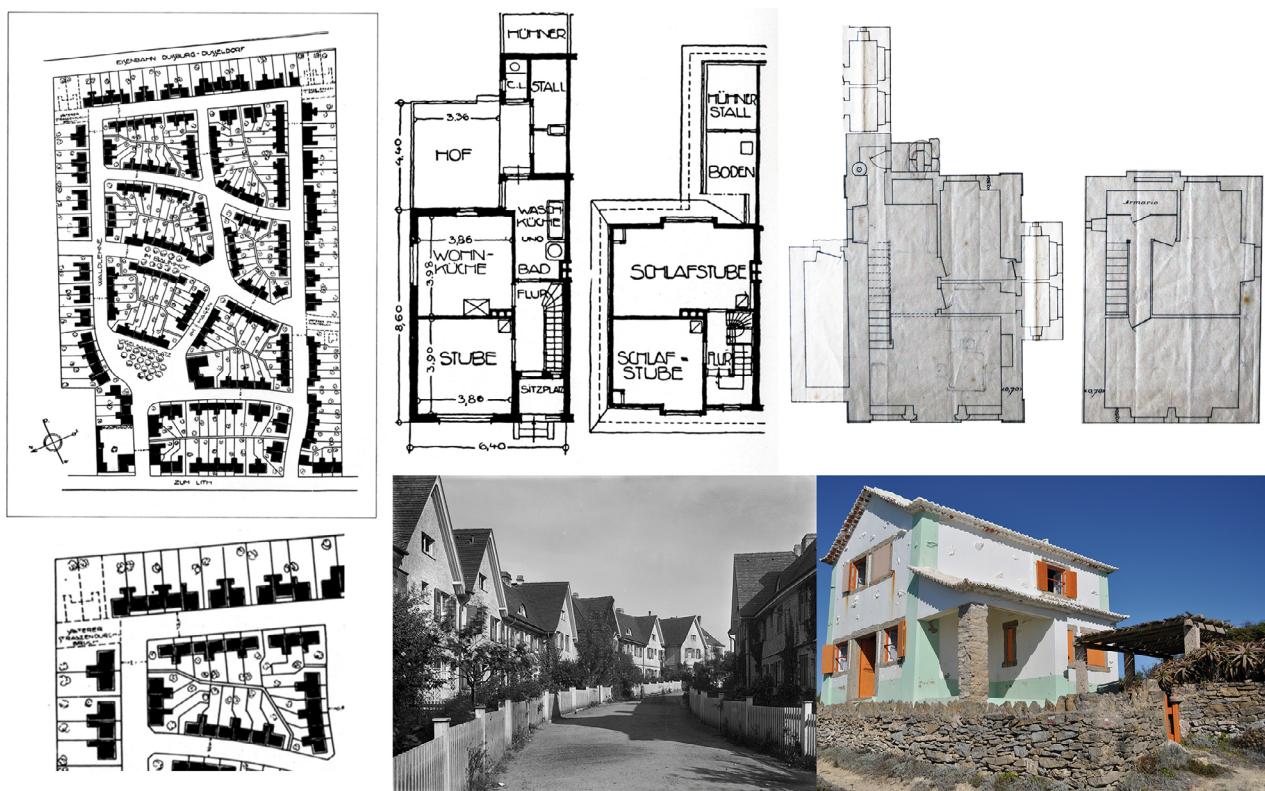


Figura 5. Da casa-jardim ao subúrbio-jardim: pequenas casas e pequenos assentamentos. Hermann Muthesius: *Siedlung Friesland*, Emden, 1914 (esquerda e centro-superior); *Gartenstadt Hellerau*, Dresden, 1909-1914 (centro-inferior); Raul Lino, casa das Azenhas do Mar, 1920 (direita). Fonte: Custoza, Vogliazzo (coord.), *Muthesius*, 1981: 113; bildindex.de/document/obj32015875?medium=fm617261; CGO-PAP-2011.

Bibliografia

- Colquhoun, A. (2005): *Arquitectura moderna: una história desapasionada*. Gustavo Gili, Barcelona: 60-61.
- Lino, R. (1942): *Algumas considerações sobre a Arquitectura Alemã Contemporânea*: 5.
- Lino, R. (1933): «Casita à beira-mar», *Casas Portuguesas*: estampa XVIII.
- Lino, R. (1918): *A Nossa Casa*: 13.
- Muthesius, H. (1907): *Landhaus und Garten*, XXII [tradução de Tânia Santos].
- Vieira Caldas, J. (1999): *A casa rural dos arredores de Lisboa no século XVIII*: 101.
- Vila-Matas, E. (2011): «Lugares para pensar», *El País*, 04 outubro de 2011.

Catálogo de publicaciones del Ministerio: www.culturaydeporte.gob.es

Catálogo general de publicaciones oficiales: <https://cpage.mpr.gob.es>

Edición: 2020 / Edição: 2020

Coordinación de la edición / Coordinação da edição

Instituto del Patrimonio Cultural de España
Fundación DOCOMOMO Ibérico

Instituto del Patrimonio Cultural de España

Carolina Aguado Serrano
Guillermo Enríquez de Salamanca

Consejo editorial / Conselho editorial

Elena Agromayor Navarrete
Isabel Argerich Fernández
Ana Cabrera Lafuente
Macarena Calderón Priego
Soledad Díaz Martínez
Daniel Durán Romero
José Vicente Navarro Gascón
Javier Rivera Blanco
Belén Rodríguez Nuere
Ana Ros Togores
María Pía Timón Tiemblo
Cristina Villar Fernández

Fundación DOCOMOMO Ibérico

Susana Landrove

Coordinación de texto

Everyoneplus, S.A.
Héctor Tarancón Royo – Beca FormArte 2019 de
Gestión Cultural en el Instituto del Patrimonio Cultural de España

Maquetación

Bitono Comunicación, S.L.

Imagen de cubierta

Pueblo de colonización de Vegaviana. José Luis Fernández del Amo. Fotografía: Kindel.



fundación **do.co.mo.mo_** ibérico



MINISTERIO DE CULTURA
Y DEPORTE

Edita:

© SECRETARÍA GENERAL TÉCNICA

Subdirección General de Atención al Ciudadano,
Documentación y Publicaciones

© Fundación DOCOMOMO Ibérico

© De los textos e imágenes: sus autores

NIPO: 822-20-062-6

ORGANIZACIÓN DEL X CONGRESO DOCOMOMO IBÉRICO / ORGANIZAÇÃO DO X CONGRESSO DOCOMOMO IBÉRICO

Instituciones organizadoras / Instituições organizadoras

Fundación Docomomo Ibérico
Colegio Oficial de Arquitectos de Extremadura
Junta de Extremadura
Instituto del Patrimonio Cultural de España
Universidad de Extremadura
Universidade de Évora
Ordem dos Arquitectos

Maria Martone
Carlos Nárdiz Ortiz
Nicolás Ortega Cantero
Juan Antonio Ortiz Orueta
José Manuel Pedreirinho
Víctor Pérez Escolano
Ismael Sánchez Expósito
Ana Tostões

Comité de honor / Comitê da honra

Celestino García Braña, Fundación Docomomo Ibérico
Ana Tostões, Docomomo Internacional
María Ángeles López Amado, Junta de Extremadura. Consejería de Sanidad y Políticas Sociales. Dirección General de Arquitectura
Francisco Pérez Urban, Junta de Extremadura. Presidencia de la Junta de Extremadura. Dirección General de Bibliotecas, Museos y Patrimonio Cultural
Lluís Comerón Graupera, Consejo Superior de Colegios de Arquitectos de España
Juan Antonio Ortiz Orueta, Colegio Oficial de Arquitectos de Extremadura
José Manuel Pedreirinho, Ordem dos Arquitectos de Portugal
Sergio Diestro Menacho, Federación de Entidades Locales Menores de Extremadura

Colaboradores / Colaboradores

Eva Galache Ramos
Víctor Manuel Lebrijo Pérez
Carlos Franco Cienfuegos
Manuel Gener Villechenous
Carlos Castaño Mateos
María del Carmen Vázquez-Figueroa
Mª Pilar Soto Sánchez
Julia Agujetas Cupido
Antonio Abad Lavado Ramírez
María Antonia Pires Rodrigues

Comité organizador / Comitê organizador

Susana Landrove Bossut, Fundación Docomomo Ibérico
Esther Gamero Ceballos-Zúñiga, Junta de Extremadura. Consejería de Sanidad y Políticas Sociales. Dirección General de Arquitectura
José Javier Cano Ramos, Junta de Extremadura. Presidencia de la Junta de Extremadura. Dirección General de Bibliotecas, Museos y Patrimonio Cultural
Jorge Candela Maestú, Colegio Oficial de Arquitectos de Extremadura
Luis González Jiménez, Universidad de Extremadura
Isabel Argerich Fernández, Instituto de Patrimonio Cultural de España
Daniel Jiménez Ferrera, Universidade de Évora
Ana Paula Baptista, Ordem dos Arquitectos de Portugal

Instituciones patrocinadoras / Instituições patrocinadoras

Fundación Arquitectura Contemporánea
Bodega San José
Catering San Jorge
Ayuntamiento de Badajoz
Fundación Arquia
Placonsa
Diputación de Badajoz
Sika
Liber Bank

Instituciones colaboradoras / Instituições colaboradoras

Ministerio de Cultura y Deporte
Ministerio de Fomento
Asamblea de Extremadura
Diputación de Cáceres
Museo Nacional de Arte Romano
Fundación Arquitectura y Sociedad
Meiac
Cámara Córdoba
Turismo de Extremadura
Fundación Academia Europea de Yuste
Adif
Biblioteca de Extremadura

Coordinación científica / Coordenação científica

Manuel Fortea Luna

Comité científico / Comitê científico

Alexandre Alves Costa
María de los Ángeles Durán de las Heras
Carmen Espigel Alonso
María del Mar Lozano Bartolozzi

INSTITUCIONES ORGANIZADORAS



ENTIDADES PATROCINADORAS



ÍNDICE

	Pág.
Presentaciones/Apresentações	
Presentación	12
Javier Rivera Blanco, subdirector general del Instituto del Patrimonio Cultural de España	
Presentación	14
Celestino García Braña, presidente de la Fundación DOCOMOMO Ibérico	
Ponencias inaugurales/Conferências de abertura	
Moderno moderno.....	17
Gabriel Ruiz Cabrero	
Hàbitats modernos: no son genios lo que necesitamos ahora.....	20
Ana Tostões, IST-Universidade de Lisboa/Presidenta DOCOMOMO Internacional	
ÁREA 1: DE LO VERNÁCULO Y LO MODERNO/DO VERNÁCULO E DO MODERNO	
Ponencia/Proposta	
Pueblos y presas. Territorio, arquitectura y patrimonio en los pueblos de colonización.	
Dimensiones de un capítulo singular de la modernidad en la España del siglo XX.....	36
Víctor Pérez Escolano, Universidad de Sevilla	
Comunicaciones/Comunicações	
La barriada de San Cristóbal de Porcuna (Jaén): una arquitectura local como respuesta a una demanda global	51
Pablo Manuel Millán Millán, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad de Sevilla	
En un lugar de La Mancha: Miguel Fisac	58
Ramón Vicente Díaz del Campo Martín-Mantero, Universidad de Castilla-La Mancha	
Manuel Gomes da Costa. Una versión algarvia del injerto de la arquitectura vernácula en la moderna	65
José Joaquín Parra Bañón, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad de Sevilla	
La obra de Fernando Távora: estilo y objetividad	72
Antonio Armestó Aira y Andrés Felipe Erazo Barco, Universidad Politécnica de Cataluña y Universidad de San Buenaventura, Cali	
De la actualidad del ambiente antiguo a la crónica restauradora	78
Estefanía Martín García, Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, Universidad Politécnica de Cataluña	
De la España rural al nuevo paisaje turístico del boom moderno a través de las postales turísticas	86
Cristina Arribas Sánchez, Escuela Superior de Arquitectura de Barcelona, Universidad Politécnica de Cataluña	
O Vernacular Moderno Espontâneo Sobre o Moderno Erudito	93
Caio Alexandre Maronese Rodrigues de Castro, Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa	

De lo vernáculo y lo moderno. Tres ejemplos en Talavera de la Reina. Sáenz de Oiza y el equipo de Manuel de las Casas.....	100
Francisco Javier Sáenz Guerra, Universidad CEU San Pablo	
Habitação temporária em Picote: arquitectura moderna e social?	106
Andreia Jorge Martins y Sofia Aleixo, Escola de Artes, Universidade de Évora	
Do vernáculo e do moderno. As pousadas do SNI de Rogério de Azevedo	113
Ana Sousa Brandão Alves Costa, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto	
Arquitectura popular española a través de la mirada moderna de la fotografía de Carlos Flores.....	120
Ana Asensio Rodríguez y Milena Villalba Montoya, Museo Etnográfico de Castilla y León	
Projectar com o clima em Portugal, 1955-1974: moradia em Vila Viçosa, Alentejo, dos arquitectos Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira	127
João Manuel Santa Rita, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa	
El fundamento social en las viviendas de Rafael de La-Hoz.....	135
Francisco Daroca Bruño, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad de Sevilla/Fundación Arquitectura Contemporánea	
Keil do Amaral y la tercera vía: el Bairro dos Pescadores de Setúbal (Portugal).....	141
María Teresa Pérez Cano y Daniel Navas Carrillo, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad de Sevilla	
Lo vernáculo y lo moderno en la obra industrial de Casto Fernández-Shaw. Las centrales hidroeléctricas para Mengemor en Andalucía (1920-1931).....	148
Javier Molina Sánchez, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad Politécnica de Madrid	
Tradición y modernidad en la península ibérica. La caracterización patrimonial de la casa Rudofsky en Frigiliana desde las claves contemporáneas de lo vernáculo	155
Mar Loren Méndez, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad de Sevilla	
A casa das Azenhas do Mar, vernácula e erudita: experimentação moderna na obra de Raul Lino	163
Carla Garrido de Oliveira, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto	
De los pueblos adoptados a los pueblos de colonización. Antecedentes tipológicos y urbanos ...	170
María Teresa Palomares Figueres y Ana Portalés Mañanós, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad Politécnica de Valencia	
Modernismo e Moderno em Portugal: inspirações no vernáculo, anos 1920-1970	178
José Manuel Fernandes, Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa	
Pósters/Posters	
Arquitectura moderna española: entre la tradición mediterránea y la modernidad centroeuropea en las décadas de 1920-1930 (desterrando viejos mitos)	188
Pedro Miguel Jiménez Vicario, Manuel A. Ródenas López y Diego Ros McDonell, Universidad Politécnica de Cartagena	
Tres experiencias mediterráneas	189
Javier Muñoz Godino, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad de Granada	
Alejandro Herrero. Acercamiento a la arquitectura popular desde la fotografía	190
Silvana Rodrigues de Oliveira y María F. Carrascal, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad de Sevilla	

**ÁREA 2: LA HUELLA DEL MOVIMIENTO MODERNO. LOS PUEBLOS DE COLONIZACIÓN /
OS RASTROS DO MOVIMENTO MODERNO: AS ALDEIAS DE COLONIZAÇÃO**

Ponencia/Proposta

- La revalorización del patrimonio de los pueblos de colonización en Extremadura. Cultura, construcción, paisaje y sociedad.....** 193
Mª del Mar Lozano Bartolozzi, Universidad de Extremadura

Comunicaciones/Comunicações

- Questões da habitação moderna no quadro da colonização interna na península ibérica.....** 205
Alexandra Cardoso, Maria Helena Maia y Alexandra Trevisan, Escola Superior Artística do Porto
- Una modernidad rural: Santa María de las Lomas, un pueblo de colonización en el valle del Tiétar, Cáceres** 212
Miguel Centellas Soler, Universidad Politécnica de Cartagena, y Fernando Jiménez Parras, Consejo Andaluz de Colegios Oficiales de Arquitectos
- Los pueblos invisibles. Imágenes actuales de la colonización.....** 219
Ana Amado y Andrés Patiño
- Las escuelas de los pueblos de colonización en Extremadura diseñadas por importantes arquitectos españoles** 228
José Maldonado Escribano y José María Vera Carrasco, Universidad de Extremadura
- Escenarios del progreso: la experiencia del Instituto de Colonización en el Bierzo.....** 235
Jorge Magaz Molina, Universidad de Alcalá
- Morir en el campo. Notas sobre arquitectura funeraria en la colonización extremeña.....** 241
Moisés Bazán de Huerta, Universidad de Extremadura
- El último pueblo de colonización construido: epílogo urbano y transformaciones sociales, Castellar de la Frontera** 248
José Miguel Tineo Sánchez
- Estruturas territoriais do Carvão: do espaço produtivo ao espaço social.....** 255
Daniela Pereira Alves Ribeiro, Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da Arquitectura, Universidade do Porto
- Un acercamiento al urbanismo rural. Los poblados de colonización de Gimenells, Sucs, El Pla de la Font y Vencillón** 262
Anna Martínez Duran y Mercè Bosch Roma, Escuela de Arquitectura La Salle, Universidad Ramon Llull
- Valuengo y De la Sota, un pueblo, una iglesia y un arquitecto** 269
Rubén Cabecera Soriano, Centro Universitario Santa Ana, Universidad de Extremadura
- El poblado obrero de FEFASA en Miranda de Ebro: una ciudad jardín contemporánea** 276
Cristina Barrón Velasco, Smara Gonçalves Diez y Carlos Miranda Barroso
- La domesticación de lo moderno. Utopías rurales** 285
Macarena Ávila Bohoyo
- El patio rural. Hacia un patio moderno en los pueblos de colonización.....** 289
Juan Pedro Sanz Alarcón y María Pura Moreno Moreno, Universidad Politécnica de Cartagena
- Vegaviana: una síntesis de modernidad más allá del movimiento moderno** 296
Ángel Cordero Ampuero, Universidad Politécnica de Madrid, y María Elia Gutiérrez Mozo, Universidad de Alicante

La difusión cinematográfica de la arquitectura del Instituto Nacional de Colonización 301
 Josefina González Cubero y Alba Zarza Arribas, Universidad de Valladolid

Los equipamientos de seguridad pública en los pueblos de colonización: entre la aceptación y el rechazo 305
 Daniel Pinzón-Ayala, Universidad de Sevilla

Valdelacalzada, primer modelo urbanístico de colonización en España..... 311
 Francisco Hipólito-Ojalvo y Diego Carmona-Fernández, Escuela de Ingenieros Industriales. Universidad de Extremadura

Dos assentamentos de lavoura autónomos ao projeto situado com expressão moderna. Colónias agrícolas portuguesas construídas pela Junta de Colonização Interna entre 1936 e 1960..... 319
 Filipa de Castro Guerreiro, Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto

Pósters/Posters

Fusión estética y funcional: José Luis Fernández del Amo entre La Mancha y Extremadura 327
 Plácida Molina Ballesteros, Universidad Nacional de Educación a Distancia

Fragments. Cinco pueblos de colonización en las Vegas del Guadiana y su afluente el Ardila en Extremadura 328
 Francisco Manuel Sánchez Quintana, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad de Sevilla

Las iglesias de los pueblos de colonización en la provincia de Ciudad Real..... 329
 Teodoro Sánchez-Migallón Jiménez, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad Politécnica de Madrid

Memoria y continuidad de los poblados de colonización de la provincia de Granada..... 330
 Ana Isabel Rodríguez Aguilera y Ricardo Hernández Soriano, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad de Granada

Marines. Pueblo de colonización 331
 Ana María Villalba Benajás, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad Politécnica de Valencia

Colonização agrícola em Portugal: Habitar a Colónia de Pegões, entre o Tradicional e o Moderno 332
 Daniel Nunes y Sofia Aleixo, Universidad de Évora

Tensión entre «los falsos históricos» y el movimiento moderno. Las iglesias de colonización de la provincia de Cádiz 333
 Ricarda López González y Rosa María Toribio Ruiz, Biblioteca del Campus de Jerez, Universidad de Cádiz

ÁREA 3: EL PATRIMONIO DEL MOVIMIENTO MODERNO COMO OPORTUNIDAD Y HERRAMIENTA DE FUTURO/O PATRIMÓNIO DO MOVIMENTO MODERNO COMO OPORTUNIDADE E FERRAMENTA DE FUTURO

Ponencia/Proposta

Un triálogo inquietante. Modernismo racionalista, romanticismo vernáculo y racionalismo económico..... 336
 María Ángeles Durán Heras, Centro de Ciencias Sociales, Consejo Superior de Investigaciones Científicas

Comunicaciones/Comunicações

La ciudad residencial de Perlora. Del urbanismo higienista a la sociedad del desperdicio	344
Arturo Tomillo Castillo, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad Politécnica de Madrid	
Obsolescencia y oportunidad: la ciudad de tiempo libre de Marbella (Málaga).....	350
José Antonio Trujillo Arellano, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad de Sevilla	
Binibeca Vell: un ensayo sobre la arquitectura vernácula.....	356
Claudia Rueda Velázquez e Isabela de Rentería Cano, CUAAD, Universidad de Guadalajara (México) y Escuela de Arquitectura La Salle, Universidad Ramon Llull	
El cine como difusión y promoción de la Arquitectura del movimiento moderno	363
Daniel Villalobos Alonso, Eusebio Alonso García, Iván I. Rincón Borrego y Sara Pérez Barreiro, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad de Valladolid	
_re-HABITAR: arquitectura del movimiento moderno en la metodología de la conservación patrimonial del IAPH	370
José Luis Gómez Villa, Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico, responsable del proyecto	
La mirada precisa. Fotografía y educación en patrimonio arquitectónico	378
Antonio Manuel Fernández Morillas, Universidad de Granada	
Experiencias de arquitectura del siglo xx en el cauce alto del Tajo y el Mar de Castilla.....	384
José Antonio Hercé Inés y Luis Fernando Abril	
Estrategias de conservación y revitalización en poblados agrarios de la posguerra: el caso del corazón blanco de Villanueva del Pardillo, Madrid	394
Patxi J. Lamíquiz Daudén, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Universidad Politécnica de Madrid y Carmen Moreno Balboa, Ayuntamiento de Villanueva del Pardillo	
Arquitectura Moderna em Tomar: metodologia para a definição de um roteiro	401
Inês Domingues Serrano, CIAUD, Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa; Instituto Politécnico de Tomar, y Anabela Mendes Moreira, Instituto Politécnico de Tomar	

Pósters/Posters

El 50º aniversario de Vivares. Socialización, interpretación y puesta en valor del patrimonio cultural de los pueblos de colonización	408
Antonia Esther Abujeta Martín	
Vegaviana y la revalorización sostenible de los pueblos de colonización	409
Inmaculada Bote Alonso, Universidad de Extremadura	
Valorização e reuso de cineteatros	410
Ana Bras, Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto	
Un pueblo, Vegaviana, sin atributos. Propuesta de un plan de acción del paisaje urbano como deuda patrimonial de Extremadura.....	411
José María González Mazón, Jonás Ramos y Montserrat Zorraquino	